

Wall of Fame

Álvaro Miguel da Costa Lima Cairrão

Universidade Fernando Pessoa

Resumo

Pretendo com este estudo entender o fenómeno do graffiti, desde o ponto de vista pessoal, social, cultural e lúdico. Para o efeito, efectuamos um levantamento do graffiti existente na área do Grande Porto, ou seja, nos concelhos da Maia, Gaia, Matosinhos, Porto e Gondomar, bem como entrevistas aos writers. Para além dos dados primários obtidos, utilizamos determinadas fontes secundárias, que complementaram o entendimento do movimento de génese hip hop.

Não devemos continuar a viver fazendo de conta que esta manifestação/comunicação gráfica e escrita não existe. Precisamos de saber mais sobre graffiti para o entender e descodificar. Não devemos criticar e marginalizar aquilo que não percebemos. Por essa ordem de razões, entendo ser original e pertinente, trazer para uma reunião científica uma abordagem com algum detalhe desta forma de comunicação que todos os dias as pessoas observam de soslaio com um olhar mais ou menos incrédulo, mais ou menos crítico. Mais do que olhar... devemos ver, e por isso propomos esta análise, fazendo referência às suas técnicas, materiais, linguagem, motivações e objectivos desta forma criativa e marginal ou marginalizada de comunicar.

Introdução

Após alguns anos em que lidei de perto com o fenómeno do graffiti numa grande cidade onde vivi durante alguns anos, sempre me questioneei sobre o que leva alguém a investir parte do seu tempo a desenvolver uma actividade que, para além de ilegal, é também socialmente reprovada. Numa fase posterior, tentava, sem grande sucesso admito, descodificar cada desenho (piece¹) que encontrava. O tempo e a curiosidade foram meus aliados e hoje, passados alguns anos, e sem nunca ter feito um graffiti na vida, consegui entrar um pouco nessa subcultura, que a sociedade não entende muito bem.

Para o efeito, consegui motivar os meus alunos a colaborar neste projecto, que há-de ser editado, e obtive informações tão pertinentes, como curiosas, que neste paper pretendo deixar devidamente registado algum desse legado.

¹ Piece (abreviatura de masterpiece): graffiti cujo trabalho é mais cuidado, onde normalmente existem fundos trabalhados, letras bastante elaboradas e adornadas.

Fundamentalmente pretendi perceber as motivações dos writers², processos, técnicas e instrumentos, bem como deixar algum registo visual do existente na área do Grande Porto, sem nunca perder de vista os conceitos, semelhanças e diferenças relativas ao design gráfico, bem como contribuir para a promoção do interesse por esta forma de expressão artística.

Metodologia

A área geográfica da pesquisa corresponde aos concelhos da área do Grande Porto, nomeadamente, Porto, Maia, Matosinhos, Gaia e Gondomar, e a recolha da informação decorreu durante os meses de Fevereiro a Maio de 2005. Recorri a fontes secundárias e primárias (mediante 23 entrevistas em profundidade) a uma amostra de conveniência.

Objecto de estudo

Como julgo ter ficado claro, o objecto de estudo é o graffiti. Mas como defini-lo? À falta de definição melhor, optei por adoptar como boa a de um investigador espanhol desta matéria, Jesus de Diego (2000),

“Graffiti: firma, transgresión, provocación, omnipresencia, apropiación simbólica del espacio urbano, protesta contra la propiedad privada, mecanismo de identidad, proclamación del grupo, una inmensa valla publicitaria que no podemos leer ni mucho menos comprender. Pero el graffiti es también una forma gráfica que ha creado ideas, conceptos y auténticas ideologías creativas.”

Breve Resenha Histórica

A expressão artística e criativa, mal vista pela sociedade e perseguida por lei, enquanto expressão cultural dos ambientes urbanos, nasceu nos últimos suspiros da Pop Art³, nos finais dos anos sessenta do século passado, nomeadamente por jovens do bairro de Bronx em Nova York, que escreviam e pintavam em distintas superfícies públicas, não

² Writers: os mais competentes e criativos na arte do graffiti.

³ Por exemplo: Jean Michel Basquiat (artista colocado pelos historiadores da arte no final do movimento Pop Art) é um dos artistas que começou por pintar graffiti sob o pseudónimo “SAMO”, e foi assim que se fez notar e traçou o seu caminho em direcção as galerias e ao mercado da arte.

com carvão/graphite, de onde deriva a palavra, mas com tintas em spray, criando um colorido visual bastante rico e, tentando passar mensagens para a sociedade. A influenciar este movimento existiu também a cultura hip hop⁴, que se alimentava da música pop, rap, e em determinada altura breakdance, filmes, vídeos e revistas underground de banda desenhada (Diego, 2000). Posteriormente chegou à Europa nos anos setenta trazida por turistas curiosos acerca do fenómeno.

Em Portugal surgiram pela primeira vez em Lisboa, mas, à semelhança dos outros países, rapidamente se espalhou para a periferia.

Apesar de inegavelmente também o serem, os graffitis não eram apenas uma arte revoltada de jovens negros de Bronx, rabiscando nomes em edifícios, paredes e carruagens do metro como forma de protesto em relação ao seu isolamento e pobreza. Na verdade, o fenómeno dos graffitis hoje ignora diferenças de raça e classe.

Motivações

Nos Estados Unidos graffiti teve e continua a ter uma função de delimitação de território, quais excrementos de animais, “Name graffiti initially had a territorial function” (Cooper e Chalfant, 2003) no entanto, não verificamos nos writers do Grande Porto que essa motivação exista.

Ao nível individual, o gosto pelo desenho e/ou ser amigo de um writer leva muitos jovens a experimentar o graffiti, que traz também uma dose acrescentada de adrenalina (risco de ser apanhado em flagrante) que é algo muito procurado e apreciado pelos jovens. Uma das principais motivações identificadas nas entrevistas é o reconhecimento de outras crews pelos trabalhos executados; uma competição. Outra das motivações que levam os writers a elaborar esses desenhos é a necessidade de se expressarem livremente contra algumas situações do nosso sistema económico, social, cultural e político em lugares públicos, bem como chegarem a king, realizar um wall of fame num hot spot, entre outras.

⁴ A cultura hip hop fundamenta-se na tolerância racial, atitudes contra as agressões fascistas, neonazis, violência em geral, na esperança de uma maior igualdade económica.

“Estes artistas de rua comunicam entre si através de sinais pictóricos que não entendemos e invadem o espaço público, obrigando-nos a vê-los” (Pereira, 2004).

Vocabulário

A linguagem do mundo dos graffítters é muito própria e só entendível por quem faz parte do grupo e da cultura a que pertence o movimento. Para que essas barreiras linguísticas sejam ultrapassadas, resolvi introduzir neste artigo uma secção dedicada ao seu vocabulário próprio.

Background: fundo sobre o qual é pintado um piece.

B-boys: elementos da crew que apreciam e praticam o hip-hop, quer seja através da música e da dança, quer através do vestuário.

Bite/bitar: copiar o estilo ou tag de outra pessoa.

Blockbusters: a origem do nome está ligada à classificação dos filmes do cinema, como sendo um estilo mais comercial. É simples e tem um uso escasso de cor. É um estilo redutivo e minimalista.

Bomb/bombing: preencher uma parede ou superfície com tags e colors. É um modo agressivo de “graffar”, mais ligado ao vandalismo do que à arte.

Bombers: praticantes da modalidade bombing.

Break-dance: forma de dança associada à comunidade graffiti.

Bubble: graffiti com desenhos arredondados em forma de bolhas.

Buff: qualquer meio empregue para remover os graffitiis.

Burner: piece bem executado e onde se verifica um cuidado especial nos pormenores e acabamentos.

Cap: aspersores de spray de tamanhos variados consoante a espessura do traço pretendido.

Colors: pinturas que combinam várias técnicas de modo a produzir assinaturas o mais estilizadas possível.

Crew: grupo de praticantes do Graffiti composto por Bombers e Writers. As Crew têm rivalidades entre si, mas também muito respeito pelos graffitiis uns dos outros.

Def: graffiti realmente bom (deriva de «death»).

Dj's: elementos da Crew que se dedicam à parte musical em geral.

Fade: misturas e degrades de cores.

Fill: preenchimento de uma superfície, normalmente delimitada por um contorno.

Flow: característica de um tag ou piece que descreve o uso harmónico das curvas das letras para tornar o encadeamento da leitura mais fluido.

Going over: assinatura de um writer por cima da de outro writer.

Graf/graffer- abreviatura de Graffiti.

Graffiti: forma de expressão artística transportada para as suportes, essencialmente, públicos.

Highlights: pintura de acabamento de um piece que realça as zonas brilhantes e de reflexão da luz.

Hip-hop: estilo de música e dança associada à comunidade graffiti.

Hot-spot: lugar de grande visibilidade, por isso constitui um duplo desafio que consiste em fazer um graffiti sem ser visto sendo o piece visto pelo maior número de pessoas possível.

Kill: um bomb excessivo.

Masterpiece: graffiti cujo trabalho é mais cuidado, onde normalmente existem fundos trabalhados, letras bastante elaboradas e adornadas com diversas cores.

Mc's: elementos da Crew que se dedicam a cantar rap.

Panel piece: um desenho feito por baixo das janelas e entre as portas de uma carruagem.

Piece: abreviatura de masterpiece.

Piece book: portfólio de projectos de um writer.

Projecto: esboço do Tag/Color/Bomb desenhado numa folha de papel. Os projectos mais avançados fazem os esboços tendo em conta as dimensões da parede e, portanto são adaptados ao espaço proporcional a cada bomber.

Public-style: é o graffiti de leitura fácil para o público, e também o de mais fácil execução.

King: título atribuído ao writer que se destaca e superioriza a todos os restantes elementos das crews de uma determinada zona.

Rap: estilo de música e dança associada à comunidade graffiti.

Semi-wildstyle: graffiti complexo de letras interligadas, no entanto mais ligeiro que o wildstyle.

Stencil: matriz elaborada em material que se adequa ao efeito, onde é recortado o elemento a pintar com spray num determinado suporte.

Stickers: autocolantes feitos por writers e que os colam em diversos sítios. Também os enviam e recebem por correio para writers conhecidos de outros países, de forma a serem difundidos pela maior área geográfica possível.

Tag/Taggar: assinaturas a preto e branco na sua forma menos elaborada e mais selvagem, as cores e simbolicamente estilizadas de modo a identificar o tagger/bomber.

Throw up: aplicação de uma camada de tinta e um contorno, ou seja, é um aperfeiçoamento estético feito a partir de um tag. Normalmente usa-se somente duas cores, pois caso contrário passa a chamar-se color.

Top-to-bottom: pintura da totalidade lateral de uma carruagem.

Toys-Graffers: graffifiers não assumidos, praticantes incompetentes e imitadores de estilo.

Wall of fame: parede onde pintam os mais respeitados e consagrados writers. O Wall of fame resulta de uma discussão democrática entre os vários membros de uma Crew.

Wildstyle: graffiti bastante complexo de letras interligadas.

Window-down: um piece realizado por baixo de uma janela.

Writers: os mais competentes e criativos na arte do Graffiti.

Suportes, Processos, Técnicas e Instrumentos

O graffiti manteve-se fiel aos seus mecanismos originais de produção até hoje, no entanto oferece uma capacidade evolutiva muito grande.

Embora não tenha conseguido encontrar na área geográfica estudada, existem desenhos em três dimensões, recorrendo à utilização de poliuretano expandido e inserindo objectos leves dentro desse material, o que é uma inovação, uma vez que passamos do plano das duas para as três dimensões. Há alguns anos que se ouve falar em pós-graffiti, isto é, a evolução do próprio graffiti para técnicas complementares como o stencil e o street art.

Inicialmente os writers costumavam escrever os seus próprios nomes ou assinaturas (tags) ou chamar atenção para problemas ou questões sociais da realidade que viviam. Esses desenhos eram feitos na maioria em comboios e/ou metro porque o verdadeiro

interesse do writer era veicular a mensagem para o maior número de pessoas. Outro suporte muito utilizado para fazer passar a mensagem são os muros ou paredes de imóveis. Embora menos frequente, também consegui registar graffitis em sinais de trânsito, contentores do lixo, outdoors, mupis, postes de iluminação, camiões e carrinhas de transporte.

Quanto às técnicas, normalmente os writers, sozinhos ou em grupo (crew), planeiam⁵ o que vão fazer, fazendo planos em papel para o efeito, e que tentam depois respeitar. Seguidamente pintam com uma cor que serve de fundo (background) ao desenho que vão executar o suporte seleccionado⁶. Após esta fase, e com sprays com caps de saída fina, desenham e/ou escrevem conforme o graffiti a fazer, preenchendo-os (fill) depois com sprays de distintas cores e caps de saídas também diferentes.

Para além das latas dos sprays e caps, o restante material utilizado pelos writers são luvas, máscara e gorro (normalmente para não serem identificados visualmente). Alguns usam também jeans muito largos e com bolsos enormes, não só porque faz parte da cultura hip hop, mas também para transportar o restante material enunciado.

Categorização

Não é fácil encontrar categorias para os graffitis, e entre a pesquisa primária e a secundária pude constatar que existem diferentes categorias conforme o local onde se encontram, isto é, fui encontrando novas designações.

De forma a aligeirar processos, resolvi aceitar como boa a categorização proposta por Diego (2000), ligeiramente alterada por mim em função dos dados conseguidos nas entrevistas.

Os graffitis podem classificar-se quanto ao formato e quanto ao estilo. No que diz respeito à primeira classificação identifiquei o tag, throw up e masterpiece; quanto ao estilo identificamos o public-style, blockbuster, wildstyle, semi-wildstyle, stencils, figurativos e stickers.

⁵ Por vezes não existem planos e desenham de improviso, embora seja menos comum, exceptuando os tags.

⁶ Em certas ocasiões não é necessário pintar o fundo do suporte, ou porque a cor que tem serve, ou porque as características do suporte não permitem.

Alguns Apontamentos das Entrevistas

Como seria de esperar, os writers não se quiseram identificar, por essa razão deixo seguidamente alguns apontamentos curiosos das entrevistas realizadas:

Writer⁷: “A história do graffiti está nas paredes, está nas tintas, nas texturas, nos materiais, está na pessoa que pinta, na pessoa que vê. Está em todos e não está em ninguém...”.

Writer: “Desde pequenino que desenho. Estou sempre a desenhar, diariamente, e sempre estive ligado à arte, sempre atento a tudo, muito observador... e, claro, comecei a ouvir hip hop, via os videoclips e um dia, à ida para o Porto, para a escola, vi um muro pintado e deu-me aquele «clique» e, nesse dia, arranjei umas latas no Continente, porque nem sabia que existiam latas próprias para isso e à noite pinte a minha primeira cena. A partir daí, nunca mais parei.”

Writer: “Estive duas vezes em tribunal... e das duas vezes deram razão, apesar de ter sido apanhado em flagrante (...) não deixo de fazer a ilegalidade, nem vou deixar, porque acho que também é uma forma de me manifestar contra um sistema que não concordo. (...) Se quero pintar ali, pinto...”

Writer: “Eu sou viciado, adoro pintar e curto graffiti, pegar na lata e pintar. E não gosto de criar algo com duas latas de spray. Gosto de pintar com 40. Acho fixe essas cenas. Eu uso o stencil em algumas cenas dos meus trabalhos, acho que é uma técnica, mas não me satisfaz o facto de colar uns autocolantes e ir embora, prefiro pintar a parede toda, se for legal, claro, porque também não gosto de correr riscos e quero que as pessoas tenham uma boa imagem do meu trabalho, mas se puder prefiro pintar aquela parede toda do que colar um autocolante.”

Writer: “Pinto quase exclusivamente para pessoas, instituições e lojas. Se calhar porque a própria vida exige isso e a necessidade de ter dinheiro...”

Writer: “Sou bomber, vândalo, é esse o meu estilo e o dos meus.”

Writer: “Tenho mais habilidade para pintar do que para correr, por isso já fui apanhado algumas vezes.”

Muitas outras afirmações com a mesma pertinência ficaram por inserir neste trabalho, no entanto a sua função principal foi a de o leitor verificar que os writers pensam de

⁷ Excertos das entrevistas efectuadas aos writers que, no entanto, não autorizaram que os seus dados pessoais fossem divulgados, por isso apenas identifico as expressões por «writer».

forma diferente sobre a sua actividade... afinal, como as demais pessoas nas suas diferentes actividades.

Alguns exemplos





Conclusão

Embora de forma resumida, julgo ter conseguido reunir alguma informação pertinente sobre o objecto em estudo, nomeadamente tentando fazer a ponte entre o leitor deste paper e em simultâneo observador (atento ou não) desta técnica de comunicação artística e social de rua que é o graffiti, e as motivações, suportes, processos, técnicas, instrumentos e vocabulário desta cultura gráfica que “invade” o nosso espaço público social.

Muito mais há para dizer, no entanto por limitação física foi-me impossível.

Espero ter contribuído para que possamos mais do que olhar... ver o graffiti e toda a sua envolvência.

Bibliografia

Diego, Jesús, *Graffiti. La palabra y la imagen*, Barcelona, Los Libros de la Frontera, 2000.

Pereira, Pedro, *Graffiti – um outro olhar*, Lisboa, Edições Sururu, 2004.

Cooper, Martha e **Chalfant**, Henry, *Subway Art, 2ª. ed.* London, Thames & Hudson, 2003.

Telles, Armando Silva, *Graffiti. Una Ciudad Imaginada*. Bogotá, Tercer Mundo Ed., 1988.

Chalfant, Henry e **Prigoff**, James, *Spraycan Art, 2ª. ed.* London, Thames and Hudson, 2003